

# O MAL, a MALDADE, Violência e Terrorismo

## **Autores:**

**Isaura Manso Neto** é médica psiquiatra, Chefe de Serviço da Carreira Hospitalar, Chefe de Equipa do Hospital de Dia do Serviço de Psiquiatria, aposentada, membro supervisor, titular e didacta da Sociedade Portuguesa de Grupanálise, «full member» da Group Analytic Society – London e membro do seu actual «management committee»; membro da Sociedade portuguesa de Psicanálise, membro fundador da Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Psicanalítica.

**Correio electrónico:** [isauramansoneto@gmail.com](mailto:isauramansoneto@gmail.com)

**Francisco Vieira Dinis** é médico, Interno de Psiquiatria do Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa.

**Correio electrónico:** [fvdinis@netcabo.pt](mailto:fvdinis@netcabo.pt)

## **Sumário:**

Os autores defendem que estes temas são insuficientemente conceptualizados, nas várias áreas científicas, sendo mesmo evitados por preconceitos e preocupações em transgredir o «politicamente correcto», apesar de serem fenómenos reconhecidos como existentes, atravessando épocas e culturas.

Após abordarem a dificuldade dos temas, tentarão a elaboração de uma definição e de um modelo de compreensão.

Finalizam com comentários sobre a importância que a Psicanálise, a Grupanálise e os Analistas podem ter no seu diagnóstico, tratamento e prevenção.

**Palavras-chave:** O Mal, Maldade, Violência, Terrorismo, Psicanálise, Grupanálise

## **I - INTRODUÇÃO – O MAL**

Apesar da universalidade da existência do mal no funcionamento humano, o Mal não é um conceito nem muito estudado nem tem uma definição aceite genericamente. Tem sido evitado, tendo mesmo desaparecido do vocabulário das ciências sociais. (James Waller, 2007)

Para abordar e lidar com a violência destrutiva, pensamos que será necessário começar por identificá-la, adjectivando alguns comportamentos e fenómenos como MAUS, com a coragem necessária para ultrapassar preconceitos e abordar temas politicamente incorrectos.

Pertencemos ao grupo de pessoas, algumas das quais, analistas que entendem que é preciso não ter medo nem preconceitos para identificar que há coisas más: em nós, nos outros, inclusive nos nossos pais, nos nossos analistas, nos vários grupos sociais e culturais, inclusivamente nas religiões. Podemos fazer mal a nós próprios, aos nossos filhos, analisandos, colegas, amigos, inimigos, conhecidos, desconhecidos. Fazer mal sem querer ou propositadamente.

«Lisboa» - terramoto de 1755 e «Auschwitz» marcaram profundamente a humanidade introduzindo de forma brutal o mal natural e o mal moral. Susan Neiman (2002) refere Hannah Arendt que supunha que o problema do mal seria o tema que mais frequentemente preocuparia a vida intelectual da Europa no pós-guerra. Enganou-se: nenhum trabalho filosófico importante, a não ser o da própria Arendt, abordou este tema em Inglês e os textos alemães e franceses eram demasiado dissimulados.

Abandonar a tentativa de compreender o mal é abandonar qualquer base para o confrontar. Esta é a posição dominante dos autores recentes da área da Filosofia - Sam Harris (2007), Susan Neiman (2002), e da Psicologia – Sonnenberg (2005), Davidson (2004), Elmendorf (2004), Kernberg (2003), Twemlow (2005), Pender (2007), Matos (2007), Waller (2007), que consultámos a propósito destes temas.

Alguns autores defendem que a palavra «terrorista» não deve ser utilizada, o que nos leva ao velho problema da desdramatização do MAL, do seu não reconhecimento e, portanto, colocando-nos na posição de bloqueio intelectual: não se pode discutir o que não existe.

Numa síntese de um painel sobre este tema (Elmendorf, 2004), aborda-se a necessidade de um diálogo entre a psicanálise, membros de outras áreas do saber e a comunidade (Ruskin in Elmendorf, 2004) e sugere-se que o Terrorismo deve ser estudado na intersecção da patologia individual e da cultura.

E apesar de que compreender o que é o mal não é sinónimo de desculpabilizá-lo é difícil a abordagem destes temas. Em 1921, o Carnegie Endowment for International Peace (CEIP) (Sonnenberg, 2005) propôs-se fazer um estudo sobre a I Grande Guerra com o objectivo pragmático de prevenir guerras futuras. Foi pedido a Freud uma monografia sobre os problemas psicanalíticos que podem estar nas origens das guerras. Freud começou por aceitar mas após 2 meses de ter assinado o contrato, desistiu.

## II – Definição de o MAL

Tudo é difícil no que respeita a estes temas. Começaremos pela própria definição de MAL

O problema do Mal pode ser posto em termos teológicos ou seculares mas é fundamentalmente relativo á inteligibilidade do mundo como um todo. Assim, não pertence nem à Ética nem à Metafísica, mas cria uma ligação entre ambas.

Recorrendo à Filosofia, poderemos considerar J. Waller (2007), tal como S. Neiman (2002), que classificam o MAL em MORAL e NATURAL – terremotos, tufões, etc. O MAL MORAL é o MAL HUMANO. Este é o conjunto de acções destrutivas que nós provocamos nos outros e em nós próprios. A definição inclui o matar que não é necessário para a sobrevivência biológica. O Dano – *Harm* - provocado deliberadamente, intencionalmente, com antecipação do conhecimento das suas consequências é a característica mais significativa (Waller, 2007).

Esta definição parece-nos ser um pouco reducionista pois limita o Mal e a maldade ao Mal Moral tal como acabou de ser descrito. Parece-nos haver um espectro no que respeita à motivação e à consciência das suas consequências. Confronta-nos com o facto de só considerarmos «maus» os fenómenos ou comportamentos provocados por acção da vontade e com conhecimento das consequências. Mas também diz que o que é importante é o dano. Teremos de pensar numa reformulação do conceito. Mal será tudo o que provoca dano «Harm» ao próprio e ou aos outros. Esta perspectiva parece-nos mais útil na clínica. Assim pensamos que as crianças têm de ser protegidas do mal que lhes possam fazer com boas ou más intenções. Estamos a pensar não só em mal com más intenções mas também em rejeição, abandono ou vários tipos de negligência que os cuidadores (pais, professores, políticos, analistas, etc.) também eles frágeis e imaturos podem provocar. E o mesmo raciocínio se aplica às relações inter-pares entre adultos (maridos, mulheres, amigos, políticos, patrões, empregados, etc.); e o mesmo se aplica aos psiquiatras, psicólogos e analistas na relação terapêutica com os seus pacientes. Quanto à intencionalidade, as intenções poderão ser «boas», ou, melhor, não serem conscientemente más e não haver conhecimento claro das consequências malignas que delas podem decorrer. Na nossa experiência há sempre uma intuição sobre a não adequação ou mesmo perturbação das atitudes e comportamentos que provocam dano. E será que interessa averiguar essas responsabilidades? Creio que nos meios «psi» há uma certa fobia à identificação destes processos deslocando-se todo o mal-estar para a dinâmica do intra-psíquico, do mundo interno, com evitamento da observação e interpretação da dinâmica do inter-subjectivo, do relacional, passado e presente. A própria transferência é, muitas vezes, encarada como o repetir da infância mas sendo esta uma resultante predominante das projecções infantis. A relação analista-analisando reduz-se fobicamente à transferência. Interessa, pois, na nossa opinião, identificar e nomear o mal causado, os seus agentes, as suas responsabilidades, sem o que não existe dano, sofre-se por nada e sem razão, o que tende a aumentar a culpa e a vergonha.

Será, pois, importante distinguir o Dano da Maldade, este último conceito estando já impregnado de um esboço de julgamento ético, implicando o livre arbítrio e as suas consequências.

Muitas vezes somos confrontados na nossa clínica diária com este tipo de apreciações e julgamentos. Numa sessão de um Grupo Multifamiliar conduzido por Isaura Neto, no Hospital de Dia do Serviço de Psiquiatria do Hospital de Santa Maria, a mãe de uma jovem mulher suicida com o diagnóstico de Perturbação Borderline da Personalidade, dizia: «eu sabia que quando lhe dizia aquelas coisas (comentários humilhantes e culpabilizantes) lhe estava a fazer mal. E, apesar de tudo, eu dizia; eu não queria que ela saísse, não queria ficar sozinha; portanto, dizia!». Em 30 e alguns anos de clínica, esta foi uma das

raras vezes em que se ouviu uma declaração tão corajosa de pais de adultos gravemente doentes. E não será que este tipo de mal, resultante da acção dos cuidadores sobre as crianças, não pode atingir níveis de intensidade que possa caber na denominação de Violência e, mesmo de «mal moral extraordinário», de características terroristas?

De forma menos intensa e mais banal todos temos a consciência que fazemos mal algumas vezes, de livre vontade e com conhecimento das consequências dos nossos actos.

Os ataques terroristas imitam as explosões destrutivas e arbitrárias da natureza, destruindo alvos de forma injusta e aleatória, misturando o mal natural com o mal moral. (Harris, 2007). De certo modo, algum do mal infringido pelos pais ou outros cuidadores sobre seres indefesos tem características semelhantes, combinando o mal da patologia e imaturidade dos adultos enlouquecedores/terroristas, não sujeita ao livre arbítrio com algum dano infringido com consciência e sentido das consequências de forma mais ou menos nítida ou precisa.

Outro aspecto que os autores que escrevem sobre estes temas e que consultámos, apontam, para outra distinção: entre Mal Potencial e Mal Efectivo. S. Neiman (2002) defende, também, que «os males não podem ser comparados mas devem ser distinguidos. «O que aconteceu em 11 de Setembro deve ser distinguido do que aconteceu em Auschwitz. Esclarecer as diferenças não vai pôr fim ao mal mas pode ajudar-nos a prevenir as nossas piores reacções a ele».

Outro ponto fulcral nestes problemas é identificar as características de quem perpetua estes comportamentos de extrema violência:

Na opinião dos filósofos, incluindo Hanna Arendt (*in* Neiman, 2002), que consultámos e que por sua vez se basearam em estudos sobre os carrascos nazis, defendem que estes crimes são executados por «gente vulgar» que, em determinadas circunstâncias, tem aquele tipo de comportamento. Pensamos que os filósofos têm dificuldade em integrar o conhecimento vindo da Psicologia e da Psiquiatria para entender com mais profundidade e correcção os factores individuais. Pretenderão dizer que a psicopatologia claramente ligada à maldade na Psiquiatria são as perturbações da personalidade identificáveis e diagnosticáveis como a Perturbação Anti-social da personalidade, os «Psicopatas» que incluem aqueles cuja patologia se expressa pelo sofrimento que essencialmente induzem nos outros e, também, os que têm um comportamento anti-social, criminoso e violento (Siever, 1998). Ligados à maldade estarão também os comportamentos de manipulação e simulação diagnosticáveis nas Perturbações Factícias - Simulação ou Munchausen; e ainda os comportamentos observáveis nas Perturbações da Personalidade do Cluster B (DSM –IV).

Não podemos negar a existência de violência destrutiva que este tipo de patologias contém e pode provocar, mas o que choca as pessoas é a aparente ausência de psicopatologia, a inteligência média superior, ou mesmo superior, a existência de áreas da personalidade aparentemente adaptadas e adequadas encontrada nos assassinos nazis e nos terroristas actuais.

Entre outras dificuldades na abordagem destes temas, encontram-se também a complexidade dos factores em interacção, dificultando a criação de um modelo suficientemente abrangente que facilite o pensar sobre estes temas e a dificuldade em observar directamente, com profundidade e com alguma distância os vários factores, mesmo os factores individuais. É difícil o estudo destas personalidades que provocam um Dano imenso. Não conhecemos, directamente, clinicamente, agentes perpetradores deste tipo de violência extrema chamado terrorismo em sentido estrito, mas nós conhecemos alguns pais que poderemos classificar como «objectos enlouquecedores» (Badaracco, 1986).

### III - O MODELO de COMPREENSÃO

Na tentativa de compreender a génese da violência que leva ao terrorismo, assassinatos em massa e genocídio, consideramos útil o **MODELO** proposto por Otto Kernberg (2003) que se interroga sobre o que levará a mudança súbita do comportamento colectivo humano marcado por interacções civilizadas para uma violência social expressa, agida e sancionada.

Aponta para 4 grupos de factores: **grupais, individuais, ideologias fundamentalistas e traumas históricos e sociais.**

#### 1 - Factores Grupais:

Recorre essencialmente a Bion e Freud: «Os grupos de trabalho tornam-se ineficientes por 3 razões: falta de um objectivo realista, excesso de exigência, ameaça à sua segurança, levando a três tipos de reacção: a narcísica/dependente, a paranóide e a messiânica».

Otto Kernberg aponta para uma das características do funcionamento destes grupos desestruturados, ameaçados, que é a forte reacção agressiva e invejosa contra os elementos que tendem a reagir de forma diferente da maioria. Os grupos nestas circunstâncias não toleram a racionalidade. E tendem a procurar líderes com características da personalidade consonantes com o tipo de regressão grupal. Estamos obviamente a entrar nos factores individuais que iremos retomar adiante

Fala dos media que põem toda a gente a saber o mesmo, a pensar o mesmo, introduzindo-se aqui os problemas levantados pela Globalização. Quando as identidades são perturbadas por forças exteriores como a globalização, os indivíduos podem desenvolver uma mente terrorista por causa do medo do «outro» («*otherness*») – isto é, passar a ter a tentação de transformar alguém diferente num inimigo e lidar com este inimigo através da destruição e extermínio (Elmendorf, 2004)

Isaura Neto e Paula Godinho (2006), numa reflexão sobre os vários tipos de Insight um dos quais é o Insight Social, defendem que o NÃO reconhecimento

das semelhanças e respeito pelas diferenças está na base da falta de Insight Social que impregna a xenofobia, o totalitarismo e o terrorismo.

A globalização, esbatendo diferenças, no anonimato emocional das semelhanças, configura-se mais como um factor de perda de identidade perfilando-se nas hipotéticas causas da violência destrutiva. Claro que também pode ser fonte de questionamento, indagação, contacto com formas diferentes de compreender os acontecimentos e diferentes culturas; contudo, esta última atitude implica uma participação mais activa dos indivíduos que têm capacidades que a maioria das pessoas não tem.

## **2 - Factores individuais:**

Pensamos que temos de considerar factores individuais neuro-biológicos e psicológico/relacionais, sendo sempre muito difícil separá-los entre si e dos factores socioculturais.

### **2.1 - Factores neuro-biológicos da Agressividade - áreas cerebrais envolvidas; factores genéticos e bioquímicos:**

Para a elaboração deste tema baseámo-nos sobretudo na estruturação conceptual de Jaak Panksepp (1998). A agressão é um fenómeno mais alargado do que a emoção de ira, raiva. De facto, a agressão nem sempre é acompanhada por raiva e esse mesmo estado emocional nem sempre leva à agressão. A agressão pode ser vista como uma estratégia adaptativa para aqueles que têm muito a ganhar ou pouco a perder. As evidências actuais sugerem que a emoção de raiva emerge a partir da neuro-dinâmica dos circuitos sub-corticais que o homem partilha com os outros mamíferos. Os circuitos RAGE têm a sua origem na amygdala, alcançam o hipotálamo e descem até ao mesencéfalo. Estas áreas estão organizadas de forma hierárquica, sendo que as funções superiores estão dependentes da integridade das inferiores. Estes circuitos neuronais primitivos apresentam interacções complexas com os processos cognitivos superiores (capacidade simbólica) que podem inibir ou facilitar os comportamentos que veiculam as emoções.

Três diferentes circuitos de agressão foram identificados no cérebro dos mamíferos: predatório, inter-pares e ataque afectivo ou circuitos “RAGE”. A existência de outros circuitos de agressão é provável mas ainda não foi possível a sua individualização.

As formas mais destrutivas da agressão humana (guerras, crimes violentos, genocídio – alguns dos quais têm na sua origem o que podemos chamar de maldade) não derivam directamente dos circuitos acima descritos. Efectivamente, as emoções que acompanham actos de tamanha destrutibilidade são complexas e não potenciais inatos do cérebro primitivo dos mamíferos. Estas emoções de ódio terão provavelmente a sua origem em áreas superiores do cérebro através da aprendizagem social. A ausência de sofisticação neo-cortical nos animais não lhes permitirá experienciar

sentimentos e pensamentos de elevada complexidade que estarão na base destes comportamentos.

Determinados indivíduos são mais propensos à agressão do que outros, em parte pelas características dos seus circuitos neuronais e, por outro lado, o ambiente empobrecido e hostil que os envolve influenciará também esta tendência. A sociopatia aparenta ter uma transmissão genética (NICE, 2009), (Millon et al., 1998). Foi possível identificar traços neuroquímicos de maior actividade da enzima MAO-A em famílias com níveis elevados de agressão (Brunner et al., 1993 in Panksepp, 1998).

A maioria dos dados sugere uma relação inversa entre a concentração de serotonina e os níveis de agressão ou impulsividade (Coccaro et al., 2009). Esta relação é mais consistente no que concerne ao constructo “agressão impulsiva” em indivíduos com perturbações da personalidade. Pelo menos um estudo identificou uma redução significativa nas emoções de raiva e medo após administração de um agonista serotoninérgico em doentes com o diagnóstico de perturbação borderline da personalidade (Hollander et al., 1994 in Panksepp, 1998).

Uma correlação positiva foi identificada entre os níveis de um metabolito major da norepinefrina no líquor e história de agressão em homens com perturbação da personalidade. Um outro estudo identificou uma pequena correlação positiva entre os níveis plasmáticos de norepinefrina e a impulsividade em homens com perturbação da personalidade (Siever e Trestman, 1993 in Panksepp, 1998). Os dados disponíveis acerca do papel da dopamina na agressão são limitados e contraditórios. Outros trabalhos identificam a testosterona e a vasopressina como tendo uma correlação positiva com comportamentos agressivos.

De facto, animais e homens com níveis baixos de serotonina no SNC são mais propensos à agressão (Coccaro et al., 1996; Dolan et al., 2001 in NICE 2009). Genericamente, os machos são mais agressivos do que as fêmeas, em parte devido ao efeito da testosterona ao nível da organização fetal e aos efeitos desta hormona no SNC durante a adolescência. Apesar de a raiva apresentar vários factores precipitantes no ambiente, esta emoção representa a capacidade de certo tipo de estímulos em acederem aos circuitos neuronais RAGE. Estes factores precipitantes englobam qualquer elemento que restrinja a nossa liberdade ou que possa originar sentimentos de frustração.

## **2.2 - Factores psicológicos e relacionais:**

Na descrição de dados biográficos de alguns nazis envolvidos no Holocausto, verificámos, do que lemos, que foram pessoas que aceitaram as missões referidas para evitar a ida para a frente de combate e tinham uma obediência cega ao poder. Pensamos, pois, que a cobardia possa ser um dos factores que caracterizam as tais «pessoas vulgares».

Creemos que podemos considerar que estamos face a um pensamento caracterizado pela sugestão, submissão, sem estímulo para a crítica e questionamento, sem mentalização de conflitos, marcado pela clivagem, idealização do poder, seja económico, político ou religioso e por contradições mais ou menos grosseiras denegadas.

Coimbra de Matos (2007) partilha de uma opinião idêntica: « O ataque ao pensamento é o principal mecanismo de acção do objecto enlouquecedor,

desencadeando o medo, a confusão, a anarquia psíquica». Incita a que se tenha paciência para investigar de onde vem particularmente o mal.

E qual a gênese destes factores que levam à insanidade mental conforme Symington (2006) num artigo sobre Sanity and Madness: muito sinteticamente, não foge à difícil tarefa de definir conceitos politicamente incorrectos que têm pertencido ao domínio da Filosofia e tenta definir a sanidade e a loucura acentuando a importância da presença ou ausência da mentalização do desejo de liberdade. Embora não fale em relações simbióticas enfatiza a identificação da loucura com o estabelecimento de relações simbiotizantes em que a autonomia/liberdade não se desenvolvem e, nos casos mais graves nem tão pouco se mentalizam e ou desejam.

Pensamos que este tipo de disfunções tem na sua gênese:

Relações precoces perturbadas que geram um narcisismo deficitário, com manutenção pela vida fora das necessidades narcísicas primárias não transformadas, com idealização primária, dificuldade na construção de ambições e ideais, e ou com defesas grandiosas que facilitam o pensamento clivado, projectivo, sem capacidade para tolerar o conflito e a culpa, com tendência a não discriminar as contradições pois a consciência destas induz o conflito. Assim ficam criadas as condições para o pensamento fanático, fundamentalista e para a adesão acrítica a líderes que compensem as fragilidades narcísicas.

Na nossa experiência clínica, parece-nos que as perturbações narcísicas primárias (Heinz Kohut, 1984), base de uma auto-estima deficitária e de uma dependência relacional podem ser conscientes, fazendo parte das organizações depressivas, com desenvolvimento de um super-eu severo e com capacidade para a mentalização de admiração face aos objectos e elaboração de culpa; ou seja, conseguem tolerar e viver a posição depressiva, mantendo-se nela. Estas fragilidades podem, por outro lado, permanecer inconscientes, denegadas e defendidas por poderosos mecanismos grandiosos, tal como fica denegada a necessidade de dependência. Numa conceptualização Kleiniana, têm dificuldade em ultrapassar a posição esquizo-paranóide, com dificuldade em aceder à posição depressiva, mantendo-se tendencialmente numa posição maníaca. A inveja substitui a admiração; a empatia, gratidão e a compaixão não são mentalizáveis porque, cremos, não se desenvolvem; a onipotência impõe-se de forma que pode ser violenta. A fúria narcísica pode disparar agida sobre os próprios ou os outros com sentimentos de impunidade. Pensamos que são estas algumas das características das personalidades que podem exercer com mais facilidade violência destrutiva, genocida, terrorista. Até porque para se perpetrarem acções como o genocídio levadas a cabo de forma sistemática, organizada, metódica com organização de um sistema ideológico e de uma burocracia eficaz não é compatível com a psicopatologia invasiva e desestruturante da vida pessoal e profissional que caracteriza as perturbações da personalidade que descompensam com quadros sintomáticos diagnosticáveis no eixo I da DSM. Assim será de esperar que este tipo de violência seja perpetrada por gente que as pessoas não habituadas ao diagnóstico dinâmico, como os filósofos, que não sabem ver a psicopatologia dinâmica latente, não identificam como perturbadas. A procura de líderes onipotentes, fortes ilusoriamente, surge e torna-se preocupante quando estes líderes têm traços narcísicos acentuados e traços paranóides prefigurando o



que Kernberg, em 2003, apelida de «narcisismo maligno», como foram, entre outros, os casos de Hitler e Estaline. Otto Kerneberg sugere por oposição as 5 características de um líder funcional que parecem ser adequadas para um estudo da caracterização de um suficientemente bom analista/grupanalista: 1 - inteligência superior, 2 - suficiente maturidade emocional; 3 - sólida e profunda integridade moral; 4 - narcisismo suficientemente forte; 5 - traços paranóides q.b. (não ser ingénuo).

### **3 - Factores sócio- culturais:**

#### **3.1 - Ideologias fundamentalistas,**

#### **3.2 - Organizações familiares disfuncionais,**

#### **3.3 - Traumas históricos e**

#### **3.4 - Crises sociais.**

**3.1 - Sobre as ideologias fundamentalistas** permitimo-nos sugerir-vos a leitura do livro de um filósofo americano Sam Harris (2007): « O fim da Fé. Religião, Terrorismo e o futuro da Razão», onde critica frontalmente , às vezes com cunho quase provocatório o que ele considera como mais maligno no desencadear da violência genocida e do terrorismo: a natureza irracional das crenças, nomeadamente das crenças religiosas, as mais difíceis de contestar e analisar à luz da razão. Considera que a maioria dos conflitos que têm delapidado e estão a delapidar a humanidade tem na sua origem crenças religiosas totalmente irracionais e dá exemplos: Palestínianos e Judeus; nos Balcãs: ortodoxos sérvios contra católicos croatas, ortodoxos sérvios contra muçulmanos bósnios e albaneses; Irlanda do Norte: Católicos e Anglicanos, Caxemira: Muçulmanos e Hindus, Sri Lanka: budistas cingaleses contra hindus tâmil; Cáucaso: ortodoxos russos contra muçulmanos chechenos e muçulmanos azeris contra arménios católicos e ortodoxos. Acrescentamos, obviamente, a destrutividade da Inquisição e do Holocausto. Seguem-se, apontamentos sobre considerações desenvolvidas por Harris neste livro:

- quando as crenças são muito comuns, chamamos-lhes religiosas; caso contrário, passam rapidamente para a classificação de delirantes.
- há que olhar, identificar o fanatismo religioso com uma das causas mais frequentes do terrorismo e, à cabeça, no mundo actual, o islamismo.
- a Fé é um tema que o actual mundo politicamente correcto não quer discutir seriamente, defendendo-se com o que considera ser a hipocrisia da tolerância religiosa
- é da natureza da fé impedir a indagação intelectual.
- os princípios religiosos têm de acompanhar o conhecimento científico, têm de se adaptar ao progresso.
- mesmo os movimentos explicitamente anti-cristãos, como o nazismo alemão e o socialismo russo, herdaram e adoptaram a intolerância doutrinária da igreja. Esta teve mesmo uma atitude de conivência sinistra com o nazismo permitindo-lhes consultar o grau de ascendência judaica de uma pessoa. Apesar de nenhum líder do terceiro Reich alguma vez ter sido excomungado, nem mesmo Hitler, foi preciso esperar até 1992 para que Galileu fosse absolvido da acusação de heresia.

- Sam Harris, em 2007, defende essencialmente que não deve haver temas tabus para discussão, por muito politicamente incorrectos que possam ser tal como a contestação de crenças, religiosas ou outras.

### 3.2 - Organizações familiares disfuncionais

Gostaríamos de abordar agora alguns factores responsáveis hipoteticamente por este tipo de violência e que são resultado da intersecção de factores individuais e socioculturais que nos parecem muito bem exemplificados no livro que também vos ousamos aconselhar: «A voz secreta das mulheres Afegãs. O suicídio e o Canto» de S.B. Majrouh (2005). Este autor era oriundo de uma família culta e respeitada do Afeganistão. Muito influenciado pela cultura francesa, ele tinha formação filosófica e histórica, ele era poeta, ele foi nomeado para cargos político/culturais no estrangeiro e no seu país, professor da Faculdade de Letras de Cabul, ele nasceu em 1928 e morreu assassinado no Paquistão em 1988, onde ele vivia no exílio.

Neste livro o autor faz uma compilação traduzida e compreensiva dos «*landays*» das mulheres afegãs. «*Landay*»= «o breve»: gritos aparentemente sem sentido que as mulheres afegãs soltam em várias ocasiões da vida diária e em ocasiões festivas. O autor, com a ajuda da irmã, consegue que estes «*landays*» sejam descodificados tornando-se mais compreensíveis: são poemas curtos de 2 versos livres de 9 a 13 sílabas sem rimas obrigatórias mas com sólidas escansões internas. São, na opinião do autor, uma das formas de revolta sendo a outra o suicídio por envenenamento ou afogamento voluntário, contra uma organização social centrada no homem e fonte de inferioridade, e humilhação por parte das mulheres. Os temas dos «*landays*» centram-se sobre 4 assuntos centrais: 1 - o exílio actual nos territórios limítrofes do Afeganistão, 2 - o combate - exigem que os homens/amantes e filhos lutem por elas, lutem pelo país; 3 - o «horrível pirralho» - os maridos escolhidos por outrém e que são ou demasiado novos ou demasiado velhos e 4 - amor pelos amantes aparentemente idealizados. Não há um único «*landay*» que se refira à vida eterna, à esperança ou ao receio de um outro mundo. O autor chama a nossa atenção para o facto de que são elas próprias que mandam os seus filhos para a guerra, aconselhando-os a portarem-se como heróis, mesmo morrendo. Opina mesmo que parece não haver amor maternal, tal como, o conhecemos na sociedade ocidental. O autor atribui esta atitude, ao resultado de um conjunto de factores: o filho faz parte do grupo de homens que as mantêm em estado de subjugação, com excesso de trabalho, pois são as mulheres que cuidam de uma enorme quantidade de filhos, sendo também elas que trabalham os campos. Os filhos, ao chegarem à adolescência começam a bater nas mães, espécie de iniciação à vida adulta, como garantia de firmeza, para além de serem filhos dos homens que odeiam – os «horríveis pirralhos» - sendo, pois, facilmente confundidos com eles. Poder-se-á perguntar: até que ponto é que esta última hipótese não é um factor determinante na forma aparentemente tão fácil como as famílias islâmicas toleram a morte dos filhos? No posfácio deste livro, escrito por André Velter, lê-se: «Confrontado com o horror e a barbárie, o autor não se tornou, por seu turno, num bárbaro. Não transigiu». Parece-nos ser este um aspecto muito importante: há pessoas que mesmo sabendo que correm risco de vida e este foi o caso do autor que sabia

que tinha os dias contados, não perdeu o sentido crítico nem deixou de lutar pelos princípios morais que defendia, inclusivamente a divulgação deste «*landays*», permitindo a sua tradução e portanto denunciando muitas das mentiras da cultura dominante. Várias vezes, ele foi a Paris, despedindo-se dos amigos e da cidade que adorava. «Em vez de consolidar a fé, despertarei para a procura. Em vez de fortalecer uma razão, um princípio, impulsionei ao espírito crítico, à dúvida metódica, à lucidez».

Num painel da IPA sobre Identidade, Destino e Terrorismo, conduzido e publicado por Siassi (2006), aborda-se mais um tema que cavalga muito claramente o individual e o sociocultural: - as crianças que são educadas em climas de terror, são confrontadas com a incompreensão dos actos de terror, com a ausência de relações de causa e efeito, podendo integrar o terrorista como um mau exemplo, mas tendo de optar por uma de 2 possibilidades de identificação fundamentais: com as vítimas ou com os agressores. Assim, um dos autores citados, defende que é mais estruturante, preferível, ser um bombista terrorista pois defende os selfs de uma posição de completo desamparo.

Estas crianças são, por outro lado, pressionadas, doutrinadas pelas ideologias da violência. Esta passa a fazer parte intrínseca da sua personalidade, dos seus padrões relacionais.

Em relação a homicidas violentos, alguns assassinos em série, está referenciado em vários estudos de investigação (Stein, 2007), que há um alto grau de relação entre os abusos físico, sexual e psicológico na infância e a criminalidade posterior na adolescência e idade adulta.

### 3.3 e 3.4 - Os traumas históricos e as crises sociais.

- Os povos muito humilhados tendem a projectar sobre outros as partes denegridas deles próprios, mantendo a coesão grupal, expugnando-se da maldade a ser destruída no grupo transformado em «mau».
- Quando os membros de um grande grupo são incapazes de elaborar as perdas e humilhações, transportam para a geração que os segue as suas feridas narcísicas perpetuando as feridas transgeracionalmente (Siassi, 2006).
- Awad in Elmendorf (2004) chamou a atenção para a problemática apresentada pelos povos árabes: durante os últimos 4 séculos, os Árabes idealizaram e inconscientemente aceitaram a autoridade dos chefes otomanos autoritários, fortes e rígidos. Com a queda do Império otomano, viraram-se para o Ocidente – mãe fálica, forte e maliciosa Medeia que levou a grande desilusão, internalizando a atitude imperialista atribuída pelo Ocidente de que eram inferiores, incapazes de funcionar em democracia e liberdade. Finalmente formaram forte identificação com os agressores. Estas experiências contribuíram para uma profunda desconfiança e oposição não só aos países ocidentais mas também em relação às várias vertentes da sua cultura
- Entre os factores identificados como facilitadores da formação da mentalidade terrorista, estão: identidades ameaçadas (globalização e movimentos de massas de pessoas), desilusão, subjugação, sentimentos de ausência de poder, pobreza, humilhação bem como a transmissão parental deste tipo de experiências (Elmendorf, 2004). A este respeito, Sam Harris

(2007), cita Huntington: « os muçulmanos estão convencidos da superioridade da sua cultura e confrontados com a inferioridade do seu poder». O discurso islâmico actual é um emaranhado de mitos, teorias da conspiração e exortações para recuperar as glórias do século XVII. Cita, também Thomas Friedman, a que chama um incansável observador dos descontentes deste mundo para o New York Times: «a humilhação muçulmana está na raiz do terrorismo islâmico».

- Otto Kernberg (2004) sobre este assunto, ele refere: «O 4º factor são os traumas históricos e as crises sociais que desencadeiam humilhação, perdas e raiva e que vão sendo passadas de geração em geração; cita Volkan. Os traumas sociais e os individuais potenciam-se entre si. Como crises sociais, cita o desemprego, a crise das famílias, anarquia em subgrupos sociais. Conclui: o potencial agressivo inconsciente existente em maior ou menor grau em todos os indivíduos pode ser activado rapidamente em processos grupais regressivos. A agressividade activada no grupo, por sua vez, pode ser amplificada pela combinação com a internalização colectiva dos traumatismos históricos, com crises sociais agudas ou crónicas que desagreguem as estruturas sociais, com ideologias fortemente paranóides, com líderes com as características acima citadas que executem burocraticamente as referidas ideologias».

#### **4 - Potencialidades da Grupanalise e da Psicoterapia Analítica em Geral para a compreensão e elaboração da Violência Extraordinariamente Destrutiva:**

- A Psicanálise e a Grupanalise podem ser úteis essencialmente em 2 domínios:

1 – Contexto social e dinâmica de grupo do terrorismo. Cremos que a Grupanalise com o seu enfoque teórico-prático sobre o estudo dos processos grupais, pode dar um contributo fundamental no estudo e compreensão destes factores.

2 – Compreensão da psicopatologia individual do terrorista (Twemlow, 2005) - No aniversário do nascimento de S. Freud, num encontro sobre prevenção da transmissão inter-geracional do ódio, guerra e violência (Pender, 2007) propôs-se que a IPA colaborasse com as UN -Nações Unidas - na conceptualização de medidas tendentes à prevenção da transmissão inter e trans-geracional dos traumas.

- Sam Harris (2007) faz um apelo muito marcado à necessidade de coerência lógica para podermos estruturar uma identidade: «se as nossas convicções não forem altamente coerentes, teremos tantas identidades quantas as crenças que integram o nosso cérebro». Se ensinarmos as crianças que determinadas proposições não carecem de justificação, então por que é que outra qualquer proposição há-de necessitar de justificações? A civilização vai ficar sitiada por exércitos de contra sentidos. Pensamos que é o que se passa em certas famílias rígidas e dogmáticas que assim impõem as normas e ideologias, incluindo as religiosas, dando-se o que talvez possamos chamar de «sacralização da mentira». Se podem ser aceites pelas famílias, pelos Estados, crenças irracionais, por que não aceitar qualquer outra mesmo que seja apenas

correspondente às necessidades individuais ou de um qualquer pequeno grupo? Tudo é possível, tudo pode ser válido!

- Isaura Neto e Paula Godinho (2006) entendem que é preciso uma interação mais próxima e emocional no conhecimento do diferente, sugerindo a estimulação de acontecimentos que levem a um maior conhecimento de culturas diferentes para que se possa desejar conhecer o diferente e assim se o possa respeitar.

«Pensamos que para lidarmos com tensões e conflitos temos de sentir o «Affective Factor», sem o que a tolerância à diferença é muito difícil, gerando xenofobia e violência. E como poderemos lidar com fenómenos e culturas tão diferentes que *ab-initio* nos causam rejeição ou mesmo aversão, o que comumente é recíproco? Pensamos que só conhecendo cada vez melhor e mais profundamente outras culturas poderemos desenvolver apreço, tolerância e Insight à semelhança do que sentimos quando nos aproximamos do nosso mundo interno mais profundo e dos nossos doentes bipolares e psicóticos».

- Viñar in Elmendorf (2004) faz algumas sugestões para se lidar com o diferente, com o «outro» sem ser através da humilhação e subjugação. Sugere que o trabalho analítico implica o lidar constante com as diferenças.

- Diremos que o trabalho com grupos pode ter ainda mais potencialidades que o *setting* individual, embora haja momentos de grandes crises a este respeito mesmo nos grupos terapêuticos.

- Achamos que os grupanalistas com as características adequadas à liderança descritas por Otto Kernberg deveriam promover a constituição de grupos onde pudessem eventualmente estar indivíduos do grupo de «inimigos» onde o ódio pudesse de início ser expresso verbalmente sem medo, se promovesse a mentalização dos conflitos sem ter de imediato a ideia obsessiva do perdão que, só por si, em nossa opinião, só aumenta a raiva.

- Isaura Neto recorda o *small-group* de Budapeste (Simpósio Europeu de Grupanalise, 1999) de que fez parte, conduzido por Dennis Brown – grupanalista britânico co-fundador da Group Analytic Society – London (GAS), falecido recentemente: eram cerca de 12 participantes, entre os quais 2 mulheres, uma judia e outra alemã. A judia inicia uma série de queixas contra o que naquele local tinham feito aos seus antepassados recentes, à perseguição a que foi sujeita na América Latina para onde fugiram os poucos membros da família que sobreviveram, tendo havido nazis e seus descendentes que queimaram a escola em que estava por ser frequentada por judeus. O grupo reagiu emocionado, com tristeza. A mulher judia verbaliza mesmo que lhe é difícil estar no mesmo grupo que uma alemã. Após um silêncio longo a mulher alemã começa a chorar silenciosamente e diz que pela primeira vez tem a oportunidade de pedir desculpa pelo que os seus compatriotas fizeram aos judeus. Mas a judia não se acalmou nem pareceu tocada como os outros face aquela comunicação tão sentida do pedido de desculpa e que nos pareceu autêntico. Na sessão seguinte, a mulher alemã diz ter tido um sonho sobre a sessão do grupo a que se seguiu um recordar de uma série de acontecimentos que tinham sido recalçados: recordou-se que, quando acabou a 2ª grande guerra e os russos estavam à porta de Berlim onde vivia com os pais e vários irmãos, ouvira um diálogo entre os pais: o pai queria que a mãe tomasse e desse a todos os filhos uns comprimidos. Recordou-se que a mãe se recusara, pois nem ela nem os filhos tinham feito qualquer mal; só ele teria de tomar os referidos comprimidos. E tomou. O grupo ficou emocionadíssimo com o relato e

a comoção da alemã. No 4º dia de «small-group» aconteceu que ambas se despediram com respeito e afecto autênticos.

- Isaura Neto recorre à sua experiência clínica: no tratamento dos doentes que se sentiram violenta e cronicamente humilhados e que desenvolvem intensa destrutividade, só consigo diminuir esta raiva imensa, mais ou menos negada e clivada, quando ela se começa a consciencializar e a aparecer sem medo em todas as suas vertentes, quando a reconheço eu própria no seu carácter reactivo aos objectos do passado e ou actuais. Tentar compreender a sua génese, dar nome às emoções, equacionar os conflitos, identificar os objectos neles envolvidos funciona como uma desculpabilização, e permite começar o processo negocial interno de utilizar a energia pulsional/ líbido para criar outros compromissos, descobrindo estratégias para sair da destrutividade e desejo de vingança e reinvestir outros objectos com outro tipo de vínculos.

- Aachamos, também, como técnicos de saúde mental, habituados ao diagnóstico precoce, que não devemos esperar para criticar as ideologias, partidos, conceitos, etc. Enquanto não tenham um cunho de manifesta agressividade e destrutividade. Devemos estar atentos a tentativas subtis, pretensamente dentro dos parâmetros democráticos, de evitar os processos críticos, transformando todos em «iguais não pensadores», à boa maneira do descrito no magnífico livro de George Orwell «1984».

Deveríamos ter uma participação mais activa nas decisões do Poder em áreas que impliquem o desenvolvimento infantil e das personalidades

Deveremos tentar estimular as crianças a utilizarem as suas capacidades de funcionamento autónomo desde o início da vida, incluindo o desenvolvimento da capacidade de pensar na Família, na Escola. Também nas Sociedades Analíticas deveríamos defender mais a capacidade de reflexão e questionamento.

Tentar ser coerente, evitando a irracionalidade, tentar conhecer e reconhecer as diferenças, aceitar que somos portadores de um mal potencial que podemos ou não tornar efectivo; e, se isso acontecer, termos a coragem de pedir desculpa, são comportamentos de Bondade, de cuidadores suficientemente bons, que possam criar condições para que o vazio e a destrutividade não se instalem nos indivíduos, nos grupos, nas sociedades.

## BIBLIOGRAFIA:

Badaracco, J.G. (1986). La Identificacion y sus vicissitudes en la psicosis. La importancia del concepto «Objeto Enloquecedor». *Int. J. Psyc...*, 67, 2, pp.: 133-146.

Coccaro, E.F.; Siever, L.J. (2009). Neurobiology In *Essentials of Personality Disorders*. Ed. John M. Oldham; Andrew E. Skodol; Donna S.Bender. American Psychiatric Publishing, Inc.

Davidson, D. (2004). Truth. *Int J. Psyc.* 85: 1225-1230

Elmendorf, S.S. (2004). Trauma, Terrorism – Man's inhumanity to man. *Int J. Psyc.* 85: 983-986

Harris, S. (2007). *O Fim da Fé. Religião, Terrorismo e o futuro da Razão*. Edições tinta-da-china, Lda., 351 GPS. Tradução de Pedro Serras Pereira de Sam Harris, 2005, 2004.

Kernberg, O. (2003). Sanctioned social violence: a psychoanalytic view. Part I. *Int J. Psyc.*, 84 683-698.

Kohut, H. (1984). *How does analysis cure?* Ed. Arnold Goldberg. The University of Chicago Press, Ltd

Majrouh, S. B. (2005). *A voz secreta das mulheres afegãs. O suicídio e o canto*. Cavalo de Ferro Editores, 2ª edição, 88 pgs. Tradução de Le suicide et le chant. Éditions Gallimard, 1994.

Matos, A. C. (2007). Violência e Medo. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, vol. 27. 9-21.

Neiman, S. (2002). *O Mal no Pensamento Moderno. Uma História Alternativa da Filosofia*. Ed. Gradiva. Tradução de Vítor Matos de *Evil in modern Thought*. Ed. Princeton University Press, 2002, 401 pgs.

Neto, I., Godinho, P. (2006). Insights on Insight. Comunicação apresentada no XI Symposium on Bipolar Disorders, Lisboa, 10 de Novembro de 2006.

NICE (2009). Antisocial Personality Disorder. *The NICE guideline on treatment, management and prevention*, pp. 21-23.

Panksepp, J. (1998). Nature Red in Tooth and Claw – The Neurobiological Sources of Rage and Anger In *Affective Neuroscience – The foundations of human and animal emotions* Oxford University Press – Series in affective science, pp 187-205.

Pender, V. (2007). Approaches to prevention of intergenerational transmission of hate, war and violence. *Int. J. Psyc.*, 88: 507-514: 513

Siassi, S, F.(2006). Identity, destiny and terrorism. The effect of social terror on identity formation. *Int J. Psyc.*; 87:1709-1711.

Siever, L. (1998). Neurobiology in *Psychopathy in Psychopathy – Antisocial, criminal, and violent behaviour*. Ed. By Theodore Millon, Erik Simonsen, Morten Birket-Smith, Roger D.Davis. Guilford Press, 1998.

Sonnenberg, S.(2005). On: The relevance of Psychoanalysis to an understanding of terrorism. *Int J. Psyc.* 86:1479-1480.

Stein, A. (2007). Prologue to Violence. Child abuse, Dissociation and Crime. The Analytic Press, Mahwah, New Jersey, 2007.147 pgs.

Symington, N. (2006). Sanity and madness. *Int. J. Psyc.*; 87: 1059-1068..

Twemlow, S. T. (2005). The relevance of psychoanalysis to an understanding of terrorism. *Int J. Psyc.*,86:957-962.

Waller, J. (2007). *Becoming Evil. How Ordinary people commit genocide and mass killing*. Oxford University Press, New York, 2007, 351pgs.

Lisboa, Maio de 2010